

EDIÇÃO SETE

Bruna Maria dos Santos

Letícia Oliver Fernandes

Raphael dos Santos Gonçalves

Comissão Editorial da Revista Epígrafe

É com enorme satisfação que lançamos o sétimo número da Revista Epígrafe, feita por graduandos e para graduandos. Fruto do trabalho de todo um semestre, esta edição teve seu processo editorial realizado em paralelo a outras atividades voltadas para os jovens pesquisadores em História.

Durante a primeira metade de 2019, a Comissão Editorial organizou mais dois eventos ligados aos “Seminários Permanentes: Caminhos da Pesquisa”. Um deles com a presença do Prof. Dr. Maurício Cardoso (Departamento de História da FFLCH/USP), no mês de abril; o outro, com a Prof^a Dr^a Marina de Mello e Souza (Departamento de História da FFLCH/USP), no mês de maio. Ambos narraram suas trajetórias acadêmicas e estabeleceram diálogos enriquecedores com os graduandos em formação, público-alvo de nossa revista.

Mello e Souza, professora de História da África, compartilhou conosco episódios que atravessaram sua vida a começar pela infância, partindo da rememoração de contos que a marcaram quando criança, passando pelo ingresso no mundo acadêmico, até o aprofundamento no campo de História da África, que ainda se consolidava nas universidades brasileiras no início do século XXI. Cardoso, por sua vez, nomeou sua apresentação de “Cinema e História: Intersecções e Convergências”, e explicou para os ouvintes as possibilidades de articulação e de reflexões entre as duas esferas. Tanto Marina quanto Maurício são, além de professores do Departamento de História, agentes importantes na extensão do conhecimento acadêmico para fora da Universidade - enquanto Mello e Souza é

autora de livros didáticos, Cardoso ministra o curso de “Ensino de História: Teoria e Prática” na Universidade.

Além disso, no dia 29 de maio, em parceria com os integrantes do Seminário de Escrita Acadêmica em História (iniciativa discente de alunos dos Programas de Pós-Graduação em História Econômica e História Social da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo), realizamos o evento “Repensando a escrita: como escrever artigos em História?”, organizado em duas etapas. Começamos pela fala dos professores Carlos Zeron (FFLCH-USP) e Bruno Feitler (EFLCH-UNIFESP), e em seguida os membros do Seminário de Escrita Acadêmica deram um retorno aos participantes que enviaram produções textuais para análise, fazendo correções e sugestões relativas à forma e ao conteúdo dos trabalhos recebidos.

Contexto atual

Sabemos que as possibilidades de exercício digno das práticas acadêmicas - de pesquisa, ensino e extensão - no país encontram-se cada vez mais cerceadas e distantes do horizonte imediato da população. Visando limitar o debate de temas morais especialmente no ensino básico, e marcado por um forte antiintelectualismo que encontra nas instituições de ensino superior um grande inimigo, o governo Bolsonaro tem realizado ataques frontais à educação pública e ao conhecimento produzido dentro da universidade.

Como previsto em nosso editorial anterior, publicado no segundo semestre de 2018, os cortes na educação tornaram-se recorrentes no ano de 2019, seguindo um plano de governo que visa diminuir os gastos na educação pública e investir no setor privado. No segundo bimestre do ano o governo, junto ao Ministério da Educação, decidiu atacar as universidades públicas brasileiras ao utilizar-se do corte de verbas destinadas às pesquisas científicas e ao investimento geral e necessário de cada instituição. Grande parte das universidades federais tiveram as verbas reduzidas, inclusive, para as contas de luz e de água, essenciais para o funcionamento das instituições, que proporcionam a obtenção e a integração do conhecimento. Outro exemplo bastante ilustrativo deste ataque é o fato de que

o INEP, responsável, entre outras coisas, pela elaboração da prova de ingresso em instituições de ensino superior de nível federal, ficou com a diretoria vaga durante 140 de 221 dias deste primeiro semestre.

Além disso, através de um discurso agressivo contra os estudantes, o Presidente da República usa de termos de baixo calão para atacar e criar uma imagem no imaginário geral de que a universidade pública brasileira, ao invés de proporcionar o conhecimento científico, na verdade se trata de um instrumento de “balbúrdia”.

A comunidade das universidades públicas brasileiras - estudantes, mestrandos, doutorandos, etc. - que desenvolve pesquisas essenciais para o desenvolvimento do país em diversos aspectos, teve seus estudos resumidos a termos ofensivos que menosprezam a nossa atividade e desvalorizam a profissão de pesquisador. Não custa lembrar que a produção científica de um país é essencial para a sua evolução, tanto socialmente, politicamente e economicamente.

A imagem que estampa a capa desta edição dialoga diretamente com as incertezas que sentimos que martelam o nosso futuro próximo e que põem em xeque conquistas alcançadas a duras penas não só no campo da educação como no da saúde e no da previdência social.

Frente a esse cenário conturbado, um evento de caráter nacional e estudantil ocorreu no dia 15 de maio – denominado de "15M". Nesse dia, estudantes, professores e todos os cidadãos, que criticavam as posições errôneas e extremistas do presidente da república, saíram às ruas em busca de mudanças e reversão dos cortes feitos na educação. As ruas lotaram de pessoas em diversos estados brasileiros. As universidades e escolas tomaram as ruas.

Dessa forma, torna-se válido que retornemos à passagem de Hobsbawm¹ citada na edição anterior, que infere sobre uma característica essencial da ciência: a veracidade,

¹ HOBBSAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: __. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.12-21.

instrumento cotidiano do pesquisador. Como o próprio historiador já diz, ou os fatos são ou não são. Para nós, não há meio termo ou invenções, nosso principal objetivo é a busca da verdade.

As tensões tendem a aumentar cada vez mais, pois em pouco tempo de vigência política já lidamos com o acontecimento de manifestações a nível nacional, além de diversos pedidos de impeachment. Um exemplo disso é a notícia publicada recentemente pelos jornais relativa ao início de reuniões entre o ministro da educação e o MEC para a instituição de mensalidades nas universidades públicas federais. Já no mês de agosto o governo federal lançou o plano intitulado “Future-se”, cujo projeto consiste em privatizar e condicionar a universidade pública ao meio privado, contrariando sua matriz e finalidade na educação brasileira, que é oferecer educação de qualidade a todos.

Entretanto, se, por um lado, observa-se uma acentuada queda, quase vertiginosa, nas condições históricas que atuam a favor da pesquisa no Brasil, por outro lado observamos a resistência e a luta dos estudantes, professores e pesquisadores. No âmbito dos “grandes eventos”, observou-se com admiração a mobilização desses grupos em manifestações públicas no mês de maio, como já mencionado. Em outra dimensão, podemos celebrar, se fizermos um exercício de “egohistória”, o sucesso da Revista em organizar seus eventos acadêmicos e, em especial a adesão do público universitário -- não apenas como ouvintes, mas também como autores que nos submeteram diversos artigos, aqui representados pelos quinze textos publicados.

A VII edição

Deste modo, na edição deste semestre, contamos com treze artigos e duas resenhas. São eles: A dualidade da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento: a relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a. C., de André Kawaminami, em que aborda a ideia de supremacia egípcia presente nos registros do acordo de paz entre o reino

de Hatti e o Egito após a disputa pela região da Síria Palestina. Ainda na temática da Antiguidade, Aline Porfirio publica um artigo intitulado A presença da mulher ateniense no comércio: um estudo de caso dos vasos áticos, em que busca discutir a heterogeneidade dos papéis femininos na Grécia ao abordar as representações de mulheres em contextos não-domésticos.

Jackeline de Oliveira também discute a construção dos papéis de gênero, porém na Era Medieval, em seu artigo A mulher na Inglaterra dos séculos XII a XIV: uma análise do poema ABC a Femmes. Apresentamos também três outros artigos que discutem a representação da Idade Média em diferentes contextos: Análise comparativa do uso das imagens em livros didáticos com conteúdo de História Medieval, assinado por Mariana de Vita, Thalita da Silva e Sarah Santos; O mundo medieval no Brasil do século XXI visto através da série de cartas colecionáveis Dracomania, de Giovanna de Sousa; e o artigo Richard Wagner e a Idade Média, de Jaqueline Tavares, em que analisa a imagem idealizada dos povos germânicos transmitida em A arte e a revolução e na ópera O anel do Nibelungo.

Adentrando a Idade Moderna em A mobilização do conceito de história na retórica de Leon Battista Alberti em Da pintura (1435) e Sobre a família (1433), Bárbara Gonçalves apresenta a ideia de que o autor contribuiu para recuperar as concepções de Cícero ligadas à moralidade humanista para construir uma nova narrativa histórica. Através de um recorte temporal e geográfico mais próximo em relação ao artigo anterior, Anna Beatriz Bortoletto investiga a atuação do Capitão Povoador Luis Rodrigues Vilares como reflexo da mudança de estilo na administração colonial portuguesa em seu artigo O papel dos comerciantes nas políticas de ocupação do sertão matogrossense no século XVIII. Na mesma linha temática de História do Brasil, está o texto de Thays Murrace, Realidades em transformação: os territórios quilombolas de Mandira e Ivaporunduva na construção de espaços identitários no Vale do Ribeira (SP), fruto da experiência obtida pela estudante em trabalho de campo realizado para a disciplina optativa História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: conteúdos e ferramentas didáticas para a formação de professores do Ensino Médio e Fundamental, ministrada pela professora Maria Cristina Wissenbach, da casa.

Karoline Miranda, a partir de *Mulher negra, trabalho e resistência: escravizadas, libertas e profissões no século XIX*, distingue as diferentes formas de trabalho empenhadas pelas mulheres negras no fim do referido século no Brasil para encadear uma discussão metodológica mais ampla, ligada à historiografia relativa aos negros e negras no Brasil. Já o artigo *Os essencialismos de gênero pelo viés da ironia: o antifeminismo em publicações das revistas ilustradas humorísticas O Malho e Careta*, de Thaís Moreira, discute a reação ao movimento pela emancipação das mulheres, que ganhou força após a discussão decorrente da proposta de emenda constitucional favorável ao sufrágio feminino em 1917.

O último texto a abordar o passado brasileiro, porém já nos anos sessenta, é *Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira*, em que Giulia Badini resenha o livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, de Joel Rufino dos Santos. Analisando um fenômeno do mesmo período, está o artigo *As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - "Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar" (1995) e "Stonewall: Onde o Orgulho Começou" (2015)*, assinado por muitas mãos: Eleonora Apolinário, Giulia Manfredini, Mariana Gralak, Mayume Minatogawa e Thaís Perroni. Jorge Arbage, por sua vez, busca discutir os objetivos e os impactos da operação estadunidense de bombardeio do Camboja durante a Guerra Fria em *O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho*.

Por fim, mas não menos importante, a resenha -- também de múltipla autoria -- *Okinawa: a história de um povo insular*, de George Kerr, de Ana Carolina Guedes, Filipe Lee, Celso Shiroma, Erica Costa e Mateus Gonçalves, que discute a visão de um pesquisador estadunidense em relação à realidade da ilha japonesa e sua relação com os demais países do entorno.

Além desta miríade de artigos e resenhas, contamos também com a entrevista da professora aposentada da UFRJ, Mariza de Carvalho Soares, que generosamente recebeu os membros da revista para uma conversa relativa à sua trajetória acadêmica desde a graduação até seus projetos atuais.

Finalizamos este editorial como uma citação de Fernand Braudel que, em 1953, escreveu: “desconfiemos desta história ainda em brasa, tal como as pessoas da época a sentiram e a viveram no ritmo das suas vidas, breves como as nossas. Esta história tem a dimensão tanto das suas cóleras como dos seus sonhos e das suas ilusões”². Enquanto graduandos em humanidades, sentimos, em nosso cotidiano, queimar a “brasa” das condições históricas que vivemos. Por isso, nos desculpamos se nossas “cóleras” transpareceram nesse editorial. No entanto, a nenhuma geração foi impedido sonhar e, se hoje nos encontramos sob sérias ameaças à produção acadêmica e ao conhecimento científico, sabemos que nos é permitido combinar prática acadêmica com posição política e deixar aqui nossa expectativa por transformações e por um futuro mais digno ao pesquisador brasileiro.

Desejamos uma boa leitura a todos!

² BRAUDEL, Fernand. *El Mediterraneo y el mundo mediterraneo em la época de Felipe II*. México: Fondo de Cultura Económica, 1953, 2v., p. XVII-XVIII.